

COMPOSIÇÃO FLORÍSTICA DE UM TRECHO DE FLORESTA PLUVIAL ATLÂNTICA,
EM REGENERAÇÃO NATURAL, APÓS DESMATAMENTO DIFERENCIADO
EM PARIQUERA-AÇU, SP - BRASIL*

Alcebíades CUSTODIO FILHO**
Geraldo Antônio Daher Corrêa FRANCO**
Antonio Cecílio DIAS**

RESUMO

A produtividade do solo de uma área de experimentação agrícola, em alqueire por 12 anos, foi testada mediante o plantio de milho (*Zea mays* L.) e preparo de solo diferenciado: queima, enleiramento e destoca.

Dois anos após o término da experimentação, a regeneração da vegetação natural - floresta pluvial atlântica - pode ser avaliada qualitativamente, revelando a ocorrência de 47 famílias e 127 espécies vegetais sendo 85 espécies (66,9%) na área enleirada; 78 (61,4%) na área queimada e 64 (50,4%) na área destocada, 32 das espécies (25,2%) amostradas foram comuns aos 3 tratamentos.

Palavras-chave: sucessão secundária; revegetação natural; mata atlântica; composição florística.

ABSTRACT

After 12 years without any agricultural use and with a scrub vegetation, the soil productivity was tested with a corn (*Zea mays* L.) cultivation. Three different soil preparation were used: burning, parterring and eliminations of the stubs. During two years, the area was submitted to a natural regeneration (tropical rain forest was the native vegetation). After that, it was tested qualitatively. The survey showed 47 families and 127 species: 85 species (66.9%) on the parterring area, 78 species (61.4%) on the burning area and 64 species (50.4%) where the stubs were eliminated, while 32 species (25.2%) were common to the three areas.

Key-words : secondary succession; natural vegetation; atlantic forest; check-list.

1 INTRODUÇÃO

O estudo e avaliação da recomposição da cobertura vegetal natural de áreas que foram submetidas à ação antrópica é um campo que, no Brasil, e principalmente no Estado de São Paulo, não possui muitas informações, de modo que essa regeneração natural processou-se sem nenhuma intervenção humana ou de sua tecnologia, mas sim de forma natural.

A importância de trabalhos nesta linha de pesquisa foi alertada por GOLLEY (1978) indicando que não só a vegetação primária, mas também a secundária em diversas fases sucessio-

nais resultantes da exploração parcial predatória, ou de campos de cultura abandonados, devem receber atenção cada vez maior dos pesquisadores, já que este estudo tem sido uma excelente maneira de avaliar os impactos ambientais.

É sabido que tais estudos, ao lado daqueles referentes ao fluxo de energia, são fundamentais para o conhecimento das características funcionais dos ecossistemas e, por conseguinte, de sua resistência a diversos fatores de tensão, decorrentes principalmente da atividade humana (MEGURO *et al.* 1979).

(*) Aceito para publicação em dezembro de 1994.

(**) Instituto Florestal, Caixa Postal de 1322, CEP 01059-970, São Paulo, SP, Brasil.

CUSTÓDIO FILHO, A. *et al* Composição florística de um trecho de floresta pluvial atlântica, em regeneração natural, após desmatamento diferenciado em Pariquera-açu, SP, Brasil.

NOGUEIRA (1977) efetuou a recomposição da mata ciliar às margens do Rio Jaguari, no município de Cosmópolis, SP. através do emprego de espécies da própria região, as quais foram plantadas em terras que vinham sendo aproveitadas para agricultura e pastagem, salientando que as formações florestais remanescentes, em diferentes tipos de solo, deram importantes subsídios na reconstituição das matas, principalmente pelo plantio das espécies existentes.

Segundo KAGEYAMA *et al.* (1989), o retorno ou não de uma área às condições anteriores a uma perturbação e a velocidade com que isto ocorre, vai depender de certos fatores, como: a intensidade e frequência dos distúrbios, as condições dos sítios, das espécies e suas ordens de chegada nesses locais. Uma perturbação contínua pode, por exemplo, levar ao esgotamento progressivo dos bancos de sementes, dificultando a regeneração das primeiras fases da sucessão.

Para GOMEZ-POMPA & VASQUES-YANES (1981), os efeitos da perturbação na floresta variam grandemente, dependendo da severidade do distúrbio, da história, do tamanho da área perturbada e das condições ambientais durante a perturbação. A soma desses fatores associados à disponibilidade florística da região, podem determinar o fluxo do primeiro estágio da regeneração. Segundo esses autores a complexidade e a natureza da sucessão varia de acordo com o tipo de ecossistema estudado, sendo impossível desenvolver um modelo geral de regeneração que possa ser aplicado para todos os ecossistemas.

Tendo em vista a necessidade de revegetar extensas áreas das escarpas da Serra do Mar, degradadas pela poluição atmosférica do Polo Industrial de Cubatão/SP, POMPÉIA (1990) utilizou um modelo de revegetação baseada na sucessão secundária natural de áreas de domínio da Mata Atlântica. Foram selecionadas 43 espécies resistentes ou tolerantes à poluição atmosférica, pertencentes aos estratos herbáceo, arbustivo e arbóreo, e adaptadas aos diferentes nichos existentes no local.

Segundo KAGEYAMA (1987), a separação dos diferentes grupos de espécies da flores-

ta tropical úmida, proposta por BUDOWSKI (1965), em pioneiras, secundárias iniciais, secundárias tardias e climaxes tem grande importância do ponto de vista didático. Salienta que, mesmo não havendo uma diferenciação abrupta entre os quatro grupos de espécies, essa classificação tem uma relevante importância, por permitir definir, mesmo que não precisamente, as espécies na floresta quanto aos seus diferentes grupos ecológicos.

HERNANI *et al.* (1987) avaliaram a fertilidade do solo e da produtividade da espécie *Zea mays* L. (milho) frente a três técnicas de preparo de solo: enleiramento, destoca e queima. Após a obtenção dessas informações, a área foi deixada às condições naturais para sua recomposição vegetal.

O objetivo deste trabalho foi avaliar a florística do repovoamento natural ocorrido em uma área desmatada e deixada em regeneração natural, após seu uso para fins agrícolas.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A Estação Experimental de Pariquera-Açu, localiza-se no município de Pariquera-Açu, SP, às coordenadas 24°37'S e 47°52'W (FIGURA 1); com clima tropical quente e úmido, sem estação seca, classificada pelo sistema de KOEPPEN (1948) como Cfa, com médias anuais de precipitação de 1.587 mm, evapotranspiração potencial de 1.140 mm, e um excedente hídrico de 447 mm, não ocorrendo déficit hídrico (HERNANI *et al.*, 1987).

O solo é do tipo latossolo amarelo álico, com textura argilosa em relevo suave e ondulado (SAKAI & LEPSCH, 1984).

A vegetação original, floresta pluvial atlântica, foi cortada manualmente e, após 12 anos de regeneração natural, apresentava estrato arbóreo médio de 10,5 m de altura e DAP de 17,7 cm em média. Sua fitomassa aérea foi avaliada em 4,0 kg.⁻² (de matéria seca) e 1,7 kg.m⁻² de serrapilheira. A declividade do terreno é de 2 a 10% (HERNANI, 1986).

CUSTÓDIO FILHO, A. *et al.* Composição florística de um trecho de floresta pluvial atlântica, em regeneração natural, após desmatamento diferenciado em Paríquera-açu, SP, Brasil.

A área de amostragem perfaz 1200 m² divididas em 3 parcelas, com os seguintes tratamentos: a) enleirado, onde os resíduos sofreram um pequeno afastamento e amontoamento manual; b) queima total ou queimado; e c) sem queima e com destoca, e remoção total com trator de esteira e lamina reta ou destocado.

O levantamento permitiu a amostragem de materiais botânicos, em estágio florífero

e/ou frutífero ou em sua ausência, coletou-se material vegetativo para uma possível identificação. Este foi prensado, separado pelos códigos dos tratamentos E - enleirado, D - destocado e Q - queimado. Pelas dificuldades surgidas na identificação de alguns materiais vegetativos, optou-se pela sua separação em morfoespécies, dada a certeza de se tratar de espécies diferentes.

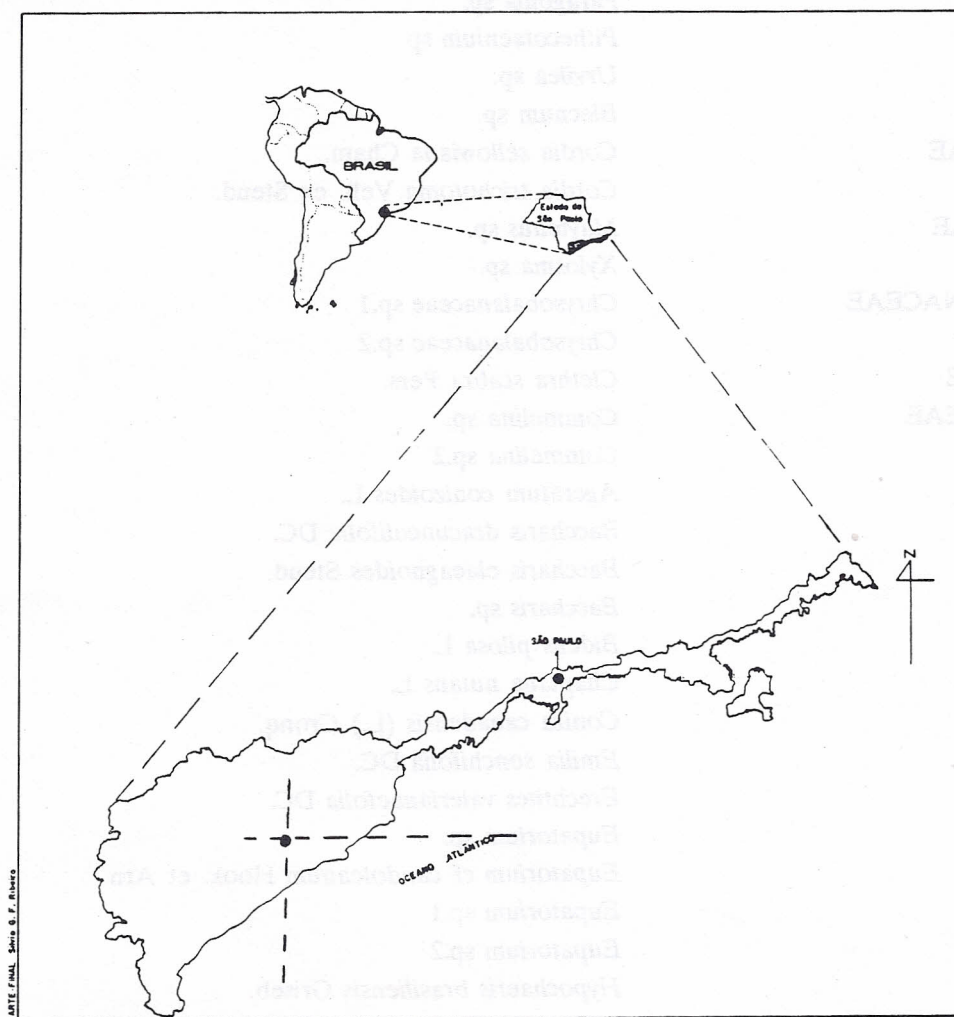


FIGURA 1 - Localização da Estação Experimental de Paríquera-Açu, SP.

3 RESULTADOS

Na área amostrada da Estação Experimental de Paríquera-Açu, foram identificadas 47 famílias e 127 espécies (TABELA

1); destas, 78 (61,4%) são herbáceas e 49 (38,6%) são lenhosas.

CUSTÓDIO FILHO, A. *et al.* Composição florística de um trecho de floresta pluvial atlântica, em regeneração natural, após desmatamento diferenciado em Parquêra-açu, SP, Brasil.

TABELA 1 - Relação das espécies, em ordem alfabética de família e gênero, identificadas na Estação Experimental de Parquêra-açu, SP.

ANACARDIACEAE

APOCYNACEAE

BIGNONIACEAE

BLECNACEAE

BORAGINACEAE

CELASTRACEAE

CHRYSOBALANACEAE

CLETHRACEAE

COMMELINACEAE

COMPOSITAE

Tapirira guianensis Aubl.

Mandevilla sp.

Peschieria sp.

Arrabideia sp.

Clitostoma sp.

Jacaranda puberula Cham.

Paragonia sp.

Pithecotænium sp

Urvilea sp.

Blechnum sp.

Cordia sellowiana Cham.

Cordia trichotoma Vell. ex Steud.

Maytenus sp.

Xylosma sp.

Chrysobalanaceae sp.1

Chrysobalanaceae sp.2

Clethra scabra Pers.

Commelina sp.

Commelina sp.2

Ageratum conizoides L.

Baccharis dracunculifolia DC.

Baccharis elaeagnoides Steud.

Baccharis sp.

Bidens pilosa L.

Chaptalia nutans L.

Coniza canadensis (L.) Cronq.

Emilia sonchifolia DC.

Erechtites valerianaefolia DC.

Eupatorium sp.

Eupatorium cf *candoleanum* Hook. et Arn.

Eupatorium sp.1

Eupatorium sp.2

Hypochaeris brasiliensis Griseb.

Mikania sp.1

Mikania sp.2

Mikania sp.3

Mikania sp.4

Orthopapus angustifolius (SW.) Gleason Bull

Pterocaulon alopecuroides (Lam.) DC.

Vernonia scorpioides Less

Vernonia sp.1

continua

CUSTÓDIO FILHO, A. *et al* Composição florística de um trecho de floresta pluvial atlântica, em regeneração natural, após desmatamento diferenciado em Parquêra-açu, SP, Brasil.

continuação da TABELA 1

CUCURBITACEAE	<i>Vernonia</i> sp.2
	Cucurbitaceae sp.1
	Cucurbitaceae sp.2
CYPERACEAE	<i>Cyperus</i> sp.
	<i>Hypolytrum</i> sp.
DIOSCOREACEAE	<i>Dioscorea delicata</i> R. Kunth.
	<i>Dioscorea</i> sp.2
	<i>Dioscorea</i> sp.3
ELAEOCARPACEAE	<i>Sloanea monosperma</i> Vell.
EUPHORBIACEAE	<i>Hyeronima alchornioides</i> Fr. All.
	<i>Maprounea brasiliensis</i> St. Hill.
	<i>Pera glabrata</i> Bail
	<i>Phyllanthus corcovadensis</i> M. Arg.
	<i>Savia dyctiocarpa</i> M. Arg.
FLACOURTIACEAE	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.
GRAMINEAE	<i>Brachiaria</i> cf. <i>plantaginea</i> (Link.) Hitch.
	<i>Brachiaria</i> cf. <i>purpurascens</i> Hern.
	<i>Echinochloa</i> sp.
	Gramineae sp.
	<i>Melinis minutifolia</i> Beauv.
	<i>Panicum</i> cf. <i>parvifolium</i> Lam.
	<i>Panicum purpurascens</i> Radd.
	<i>Panicum sciurotis</i> Trin.
	<i>Panicum</i> sp.1
	<i>Panicum</i> sp.2
	<i>Paspalum</i> cf. <i>convexum</i> HB
	<i>Paspalum</i> sp.1
	<i>Paspalum</i> sp.2
	<i>Paspalum</i> sp.3
	<i>Trichachne</i> cf. <i>insularis</i> L.) Ness
	<i>Hypoxis decumbens</i> L.
	<i>Nectandra</i> sp.
	<i>Andira</i> sp.
HYPOXIDACEAE	<i>Dalbergia cearensis</i> Ducke
LAURACEAE	<i>Dalbergia variabilis</i> Vog.
LEGUMINOSAE	<i>Desmodium affine</i> (L.) Benth
	<i>Desmodium incanum</i> (Sw.) DC.
	Leguminosae sp.1
	Leguminosae sp.2
	<i>Machaerium pedicelatum</i> Vog.

continua

continuação da TABELA 1

MALPIGHIACEAE	<i>Machaerium uncinatum</i> (Vell.) Benth
MALVACEAE	<i>Pithecelobium langsdorfii</i> Benth
MELASTOMATACEAE	<i>Pterocarpus violaceus</i> Vog.
	<i>Senna multijuga</i> Rich.
	Malpighiaceae
	<i>Sida rombifolia</i> L.
	<i>Leandra</i> sp.
	<i>Miconia theazans</i> Cogn.
	<i>Ossaea sanguinea</i> Cogn.
MENISPERMACEAE	<i>Cissampelos andromorpha</i> Dec.
MORACEAE	<i>Cecropia glaziovii</i> Sneath
	<i>Cecropia hololeuca</i> Miq.
	<i>Sorocea</i> cf. <i>bomplandii</i> (Baill.) Burg.; Lang. & Bor.
	<i>Rapanea ferruginea</i> Ruiz et Pav.
	<i>Eugenia</i> sp.
	<i>Gomidesia spectabilis</i> (DC.) Berg.
	<i>Neea schuackeana</i> Heimerl
	<i>Heisteria silvianii</i> Schw.
	<i>Vanilla</i> sp.
	<i>Bactris setosa</i> Mart.
	<i>Passiflora</i> sp.
	<i>Phytolaca tryrsiflora</i> Fenzl. ex Schimidt
	<i>Piper</i> sp.
	<i>Polygonum</i> sp.
	<i>Hypolepsis selloviana</i> Kl.
	<i>Pteridium aquilinum</i> (L.) Kuhn.
	<i>Coccocypselum</i> sp.
	<i>Diodia radula</i> Nei & Mart
	Rubiaceae sp.1
	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.
	<i>Cupania oblongifolia</i> Mart.
	<i>Matayba</i> sp.
	<i>Paullinia</i> sp.
	<i>Serjania</i> sp.
	<i>Scoparia</i> sp.
	<i>Lygodium volubile</i> Sw.
	<i>Smilax</i> sp.1
	<i>Brunfelsia uniflora</i> (Pohl) D. Don
	<i>Solanum mauritianum</i> Scop.
	<i>Solanum variabile</i> Mart.
	<i>Trigonia pubescens</i> Camb.
RUBIACEAE	
RUTACEAE	
SAPINDACEAE	
SCROPHULARIACEAE	
SCHYSEACEAE	
SMILACACEAE	
SOLANACEAE	
TRIGONIACEAE	

continua

CUSTÓDIO FILHO, A. *et al.* Composição florística de um trecho de floresta-pluvial atlântica, em regeneração natural, após desmatamento diferenciado em Parquêra-açu, SP, Brasil.

continuação da TABELA 1

ULMACEAE

UMBELIFERAE

VERBENACEAE

Trema micrantha (Sw.) Blume

Hydrocotyle leucocephala (Cham.) Schl.

Aegiphyla sp.1

Aegiphyla sp.2

Vitex sp.

Os resultados, por tratamento, são apresentados na TABELA 2, onde tem-se também, o hábito (herbáceo ou lenhoso) e as classes de ocorrência por tratamento, onde: das espécies comuns aos 3 tratamentos 21 são herbáceas e 11 lenhosas. Das espécies comuns aos tratamento enleirado e destocado, 7 são herbáceas e 2 lenhosas. Das comuns ao eleirado e queimado, 7 são herbáceas e 11 lenhosas. Das espécies exclusivas ao eleirado, 10 são herbáceas e 12 lenhosas. As comuns ao destocado e queimado, 8 são herbáceas e 1 lenhosa. As espécies exclusivas ao destocado, 11 são herbáceas e 3 lenhosas e das exclusi-

vas ao queimado, 10 são herbáceas e 9 lenhosas.

A TABELA 3 representa, em valores absolutos e em porcentagem do total de espécies, o número de espécies presentes em cada tratamento e a participação em espécies por hábito: herbáceo ou lenhoso e o número total e em porcentagem de espécies ou exclusivas em cada um dos 3 tratamentos.

A TABELA 4 demonstra os valores dos índices de similaridade de Jaccard e Sorensen, obtidos para os três tratamentos, considerando-se o número total de espécies por tratamento e o número de espécies herbáceas e lenhosas.

TABELA 2 - Relação das espécies identificadas para uma área experimental da Estação Experimental de Parquêra-Açu, SP. A classificação do hábito (H - herbácea; L - lenhosa); E - enleirado; D - destocado, Q - queimado.

NOME DA ESPÉCIE	A	E	D	Q
<i>Aegiphyla</i> sp1	L	X		
<i>Aegiphyla</i> sp2	L	X	X	X
<i>Ageratum conizoides</i>	H		X	
<i>Andira</i> sp	L			X
<i>Arrabidaea</i> sp	H	X	X	X
<i>Baccharis dracunculifolia</i>	L	X	X	
<i>Baccharis elaeagnoides</i>	L	X	X	
<i>Baccharis</i> sp	H		X	X
<i>Bactris setosa</i>	L	X	X	X
<i>Bidens pilosa</i>	H		X	X
<i>Blechnum</i> sp	H	X		X
<i>Brachiaria</i> cf. <i>plantaginea</i>	H			X

continua

CUSTÓDIO FILHO, A. et al. Composição florística de um trecho de floresta pluvial atlântica, em regeneração natural, após desmatamento diferenciado em Parquêra-açu, SP, Brasil.

continuação da TABELA 1

NOME DA ESPÉCIE	A	E	D	Q
<i>Brachiaria cf. purpurascens</i>	H	X	X	
<i>Brunfelsia uniflora</i>	L	X	X	X
<i>Casearia sylvestris</i>	L	X		X
<i>Cecropia glasiovii</i>	L	X		X
<i>Cecropia hololeuca</i>	L	X	X	X
<i>Chaptalia nutans</i>	H		X	X
<i>Chrysobalanaceae sp1</i>	L	X		
<i>Chrysobalanaceae sp2</i>	L		X	
<i>Cissampelos andromorpha</i>	H	X	X	X
<i>Clethra scabra</i>	L		X	
<i>Clitostoma sp</i>	H	X	X	X
<i>Cocosypselum sp</i>	H	X		
<i>Commelina sp</i>	H	X	X	X
<i>Commelina sp2</i>	H	X		
<i>Coniza canadensis</i>	H	X	X	X
<i>Cordia sellowiana</i>	L			X
<i>Cordia trichotoma</i>	L	X		X
<i>Cucurbitacea sp1</i>	H		X	
<i>Cucurbitacea sp2</i>	H	X	X	X
<i>Cupania oblongifolia</i>	L	X	X	X
<i>Cyperus sp</i>	H		X	X
<i>Dalbergia cearensis</i>	L			X
<i>Dalbergia variabilis</i>	L	X		
<i>Desmodium affine</i>	H	X		
<i>Desmodium incanum</i>	H			X
<i>Diodia radula</i>	H	X	X	X
<i>Dioscorea delicata</i>	H	X		
<i>Dioscorea sp2</i>	H			X
<i>Dioscorea sp3</i>	H	X		
<i>Echinocloa sp</i>	H		X	
<i>Emilia sonchifolia</i>	H		X	
<i>Erechtites valerianaefolia</i>	H	X	X	X
<i>Eugenia sp</i>	L	X		X
<i>Eupatorium</i>	H	X	X	X
<i>Eupatorium candoleanum</i>	H	X	X	X
<i>Eupatorium sp1</i>	H	X		
<i>Eupatorium sp2</i>	H	X		
<i>Gomidesia spectabilis</i>	L	X	X	X
<i>Graminea</i>	H	X		
<i>Heisteria silvianii</i>	H	X		

continua

CUSTÓDIO FILHO, A. *et al.* Composição florística de um trecho de floresta pluvial atlântica, em regeneração natural, após desmatamento diferenciado em Parqüera-açu, SP, Brasil.

continuação da TABELA 1

NOME DA ESPÉCIE	A	E	D	Q
<i>Hidrochotile leucocephala</i>	H	X		X
<i>Hieronima alchornoioides</i>	L	X		X
<i>Hypochaeris brasiliensis</i>	H		X	X
<i>Hypolepsis selloviana</i>	H	X		X
<i>Hypolytrum</i> sp	H	X		
<i>Hypoxis decumbens</i>	H			X
<i>Jacaranda puberula</i>	L	X	X	X
<i>Leandra</i> sp	L	X		
<i>Leguminosae</i> sp1	L	X		
<i>Leguminosae</i> sp2	L	X		
<i>Lygodium volubile</i>	H		X	X
<i>Machaerium pedicelatum</i>	L		X	
<i>Machaerium uncinatum</i>	L	X		X
<i>Malpighiaceae</i>	L	X		
<i>Mandevilla</i> sp	H		X	
<i>Maprounea brasiliensis</i>	L			X
<i>Matayba</i> sp	L	X		X
<i>Maytenus</i> sp	L			X
<i>Melinis minutifolia</i>	H	X	X	
<i>Miconia theazans</i>	L	X	X	X
<i>Mikania</i> sp1	H	X	X	
<i>Mikania</i> sp2	H	X	X	X
<i>Mikania</i> sp3	H	X	X	
<i>Nectandra</i> sp	L	X		X
<i>Neea schuackeana</i>	L	X		
<i>Orthopapus angustifolius</i>	H	X	X	X
<i>Ossaea sanguinea</i>	H	X	X	X
<i>Panicum</i> cf. <i>parvifolium</i>	H	X		
<i>Panicum purpurascens</i>	H		X	
<i>Panicum sciurotis</i>	H	X	X	
<i>Panicum</i> sp1	H			X
<i>Panicum</i> sp2	H		X	
<i>Paragonia</i> sp	H		X	X
<i>Paspalum</i> cf. <i>convexum</i>	H		X	
<i>Paspalum</i> sp1	H	X	X	X
<i>Paspalum</i> sp2	H		X	
<i>Paspalum</i> sp3	H		X	
<i>Passiflora</i> sp	H			X
<i>Paullinia</i> sp	H	X		

continua

CUSTÓDIO FILHO, A. *et al.* Composição florística de um trecho de floresta pluvial atlântica, em regeneração natural, após desmatamento diferenciado em Parquêra-açu, SP, Brasil.

continuação da TABELA 1

NOME DA ESPÉCIE	A	E	D	Q
<i>Pera glabrata</i>	L	X		
<i>Peschieria</i> sp	H		X	
<i>Phylanthus corcovadensis</i>	H		X	X
<i>Phytolaca tryrsiflora</i>	H	X		X
<i>Piper</i> sp	H	X		
<i>Pithecelobium langsdorfii</i>	L			X
<i>Pithecotanenum</i> sp	H			X
<i>Polygonum</i> sp	H			X
<i>Pteridium aquilinum</i>	H			X
<i>Pterocarpus violaceus</i>	L		X	X
<i>Pterocaulon alopecuroides</i>	H	X	X	X
<i>Rapanea ferruginea</i>	L			X
<i>Rubiaceae</i> sp1	L	X	X	X
<i>Savia dyctiocarpa</i>	L	X		
<i>Scoparia</i>	H			X
<i>Senna multijuga</i>	L			X
<i>Serjania</i> sp	H	X		X
<i>Sida rombifolia</i>	H	X	X	X
<i>Sloanea monosperma</i>	L	X		
<i>Smilax</i> sp1	H	X		X
<i>Solanum mauritianum</i>	L	X	X	X
<i>Solanum variabile</i>	H	X	X	X
<i>Sorocea</i> cf. <i>bomplandii</i>	L	X		X
<i>Tapirira guianensis</i>	L	X		X
<i>Trema micrantha</i>	L	X	X	X
<i>Trigonia pubescens</i> Camb	H	X	X	
<i>Trichachne</i> cf. <i>insularis</i>	H	X	X	X
<i>Urvilea</i> sp	H	X		X
<i>Vanila</i> sp	H	X		
<i>Vernonia scorpioides</i>	H	X	X	X
<i>Vernonia</i> sp1	H	X	X	X
<i>Vernonia</i> sp2	H	X	X	X
<i>Vitex</i> sp	L			X
<i>Xylosma</i> sp	L	X		
<i>Zanthoxylum rhoifolium</i>	L	X		X

CUSTÓDIO FILHO, A. *et al.* Composição florística de um trecho de floresta pluvial atlântica, em regeneração natural, após desmatamento diferenciado em Pariquera-Açu, SP, Brasil.

TABELA 3 - Número, porcentagem e hábito das espécies por tratamento para a Estação Experimental de Pariquera-Açu, SP.

Tratamentos	Espécies		Herbáceas		Lenhosas		Exclusivas	
	T	%	T	%	T	%	T	%
Total	127	100	78	61.4	49	38.6	-	-
Enleirado	85	66.9	49	57.6	36	42.4	26	30.6
Destocado	64	50.4	47	73.4	17	26.6	14	21.9
Queimado	78	61.4	46	59.0	32	42.4	19	24.4

TABELA 4 - Valores dos índices de similaridade de Sorensen e Jaccard, determinados para três tratamentos, Estação Experimental de Pariquera-Açu, SP.

TRATAMENTOS	JACCARD			SORENSEN		
	TOTAL	HERBÁCEA	LENHOSA	TOTAL	HERBÁCEA	LENHOSA
Enl x Des	0.38	0.41	0.33	0.55	0.58	0.49
Enl x Que	0.44	0.42	0.65	0.61	0.59	0.49
Des x Que	0.41	0.45	0.32	0.58	0.62	0.32

4 DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

A florística da área em estudo, na Estação Experimental de Pariquera-Açu, demonstrou um elevado número de espécies e famílias, considerando-se que: a amostragem limitou-se a 1200 m² e do estágio sucessional pioneiro em que se encontrava a área.

O enleiramento foi o tratamento que apresentou maior número de espécies, 21 a mais que o destocado, 19 lenhosas e 2 herbáceas, e 7 a mais que o queimado, com 4 lenhosas e 3 herbáceas.

O tratamento queimado, apresentou 15 espécies lenhosas a mais e 1 espécie herbácea a menos que o destocado. Desta forma, o número de espécies existentes no queimado, em relação ao destocado, é de 14 espécies a mais.

O número de espécies exclusivas o enleirado foi maior, seguido pelos tratamentos quei-

mado e destocado (TABELA 3).

Foram identificadas 41 (32,3%) espécies comuns aos tratamentos enleirado e destocado, das quais 9 (7,1%) são exclusivas a estes dois tratamentos. O enleirado e queimado tem 50 (39,4%) espécies comuns, das quais 18 (14,2%) espécies são exclusivas a esses tratamentos. O queimado e o destocado possuem 41 (32,3%) espécies comuns, com 9 (7,1%) espécies exclusivas a esses tratamentos, e 32 (25,2%) espécies comuns aos três tratamentos (TABELA 2).

Os valores dos índices de similaridade indicam um nível médio entre os tratamentos, todavia esta é ligeiramente maior entre o tratamento enleirado x queimado, seguido pelo destocado x queimado e pelo enleirado x destocado (TABELA 4).

A amostragem foi restrita a uma pe-

CUSTÓDIO FILHO, A. *et al.* Composição florística de um trecho de floresta pluvial atlântica, em regeneração natural, após desmatamento diferenciado em Paríquera-açu, SP, Brasil.

quena área. A vegetação que compunha o entorno da área estudada pode ter exercido um efeito tampão sobre as características qualitativas da vegetação, mantendo as condições edafoclimáticas.

A recomposição da vegetação na área de estudo foi aproximadamente muito similar à área circunvizinha, e está diretamente relacionada ao grau de perturbação a que foi submetida, resultado esse que está de acordo com o preconizado por BUDOWSKI (1965) e adotado por KAGEYAMA (1987).

Este estudo demonstrou que apesar dos diferentes métodos adotados na remoção da cobertura vegetal natural, a recomposição desta vegetação apresenta como dominante de espécies herbáceas 61,4%. Nos diferentes tratamentos, o povoamento sucedeu-se principalmente por espécies invasoras e a remoção do sistema subterrâneo condiciona estádios iniciais de sucessão, o que não ocorre com o queimado e o eleirado, onde o domínio é de espécies lenhosas. Observa-se que quanto menos impactante for a ação sobre uma área, neste caso florestal, melhor e mais eficaz será a recomposição de suas características quantitativas e qualitativas, resultado esse que concorda com o proposto por GOMEZ-POMPA & VASQUES-YANES (1981).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUDOWSKI, G. 1965. Distribution of tropical american rain forest species in the light of successional processes. *Turrialba*, Costa Rica, 15:40-42.
- GOLLEY, F. B. 1978. *Ciclagem de minerais em um ecossistema de floresta tropical úmida*. São Paulo, EPU/EDUSP. 256p.
- GOMEZ-POMPA, A. & VAZQUEZ-YANES. 1981. Successional studies of a rain forest in Mexico. *In: D. West*.
- HERNANI, L. C. 1986. *Métodos de limpeza de terreno sob floresta e a dinâmica de atributos físicos e químicos de um Latossolo Amarelo do Vale do Rio Ribeira de Iguape, SP*. Piracicaba, ESALQ. 242p. (Tese de Doutorado)
- HERNANI, L. C. *et al.* 1987. Influência de métodos de limpeza de terreno sob floresta secundária em latossolo amarelo do vale do Ribeira, SP: I Dinâmica de atributos químicos, físicos e produção de milho. *Revista Brasileira de Ciência do Solo*, Campinas, 11:205-213.
- KAGEYAMA, P. Y. 1987. Conservação "in situ" de recursos genéticos de plantas. *IPEF*, Piracicaba, (35):7- 35.
- KAGEYAMA, P. Y. *et al.* 1989. Implantação de matas ciliares: estratégias para auxiliar a sucessão secundária. *In: SIMPÓSIO SOBRE MATA CILIAR*, São Paulo, abr. 11-15, 1989. *Anais...* Campinas, Fundação Cargil. 355p.
- KÖEPPEN, W. 1948. *Climatologia* México, Ed. Fondo de la Cultura Economica. 253p.
- MEGURO, M. *et al.* 1979. Ciclagem de nutrientes minerais na Mata mesófila secundária - São Paulo. I - Produção e conteúdo de nutrientes minerais do folheto. *Boletim de Botânica*, São Paulo, 7:11-31.
- NOGUEIRA, J. C. B. 1977. *Reflorestamento heterogêneo com essências indígenas*. São Paulo, Instituto Florestal. 77p. (Boletim Técnico, 24)
- POMPÉIA, S. L. 1990. Recuperação do ecossistema Mata Atlântica de Encosta. *In: CONGRESSO FLORESTAL BRASILEIRO*, 6, Campos do Jordão, set. 22-27, 1990. *Anais...* São Paulo, SBS/SbeF. p. 146-155.
- SAKAI, E. & LEPSCH, I. F. 1984. Levantamento pedológico detalhado da Estação Estação Experimental de Paríquera-Açu. *Boletim Técnico do Instituto Agrônomo de Campinas*, Campinas, 83:1-56.